



ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Publicado em: 19/12/2025

Apresentação

Infâncias, Educação Infantil e Epistemologias Contra Coloniais

Priscila de Melo Basílio¹
Fernanda Cristina de Souza²



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe20398>

O calor está muito forte. De verdade. Tem dia que a gente sente dor de cabeça, tontura, vontade de desmaiar.
Tem criança que não consegue brincar no sol, estudar na sala quente, caminhar na rua cheia de poeira. Tem escola que não tem árvores para fazer sombra. Tem bairro onde o vento quase não passa.

SENTIMOS TRISTEZA QUANDO VEMOS:

Árvores caindo
Fumaça das queimadas
Rios com lixo
Animais sofrendo
A floresta diminuindo
Pessoas ficando doentes por causa do calor e da poluição.

TUDO ISSO MEXE COM A GENTE!

Mexe tanto que alguns de nós desenhamos o que sentimos:
árvores grandes coloridas, crianças brincando sob o sol, rios azuis, passarinhos voando, casas cercadas de plantas, florestas pegando fogo, placas dizendo "CUIDE DA NATUREZA".
Esses desenhos são um jeito de falar aquilo que a nossa boca não consegue.

POR QUE NOS IMPORTAMOS COM O CLIMA?

Nos importamos porque a NATUREZA é a nossa casa e muito mais... Nós somos natureza, o planeta é natureza. A natureza é tudo!
Somos muito jovens e queremos ter um FUTURO BONITO para viver, mas também queremos AGORA!
Queremos continuar estudando, jogando bola, brincando, plantando, nadando,

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0355349630299192>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2765-857X>. Contato: cyla_basilio@yahoo.com.br.

²Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6201844080308330>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8581-4895>. Contato: fernanda.souza@ufrb.edu.br



indo aos lugares que gostamos. Queremos que os animais e as florestas continuem existindo!

E DIZEMOS:

A morte da FLORESTA é o fim da nossa vida [...]

Os adultos devem ouvir as crianças — PORQUE MANDAM A GENTE CALAR A BOCA QUANDO TENTAMOS FALAR [...]

Cuidem do nosso planeta agora. Queremos continuar vivos e vivas! Crescer num mundo bonito, num mundo que ainda respire. Com esperança e sem medo!

Crianças e Adolescentes na Cúpula dos Povos 2025

(Excerto da Carta das Infâncias/Bem Viver e Justiça Climática - produzida no contexto da Cúpula dos Povos 2025. Belém, 15 de novembro de 2025)

“Os adultos devem ouvir as crianças!”. É esse o chamado que crianças e adolescentes, participantes da Cúpula dos Povos de 2025³ - Bem Viver e Justiça Climática, fazem para todo o mundo. O espaço que se constitui como lugar de luta, de esperança, de fala e escuta, reúne comunidades indígenas, tradicionais e periféricas e se coloca como grito de resistência de populações silenciadas pelas desigualdades, agregando “[...] aquelas que menos contribuíram para a crise climática, mas que mais sofrem com seus impactos” (Cúpula dos Povos, 2025, *online*).

As crianças e os adolescentes gritam para o mundo: **“Cuidem do nosso planeta agora. Queremos continuar vivos e vivas!”** - É dessa maneira que pedimos licença a elas e a toda a nossa ancestralidade para abrir o Dossiê **Infâncias, Educação Infantil e Epistemologias Contra Coloniais**, uma tentativa para visibilizar a agência das crianças desde bebês, cujas infâncias são impactadas pelas desigualdades estruturais produzidas pelo capitalismo, com base fincada nos processos de colonização. Entre elas, destacam-se as infâncias negras, indígenas, ciganas, quilombolas, do campo, das águas e das florestas, das periferias, das quebradas das ladeiras, das favelas, do samba, as infâncias transgênero, com deficiência, vítimas de guerra e demais vítimas de violência de gênero.

As crianças amazônicas gritam e dizem para as pessoas adultas que milhares delas não conseguem “[...] brincar no sol, estudar na sala quente, caminhar na rua cheia de poeira. Tem escola que não tem árvores para fazer sombra. Tem bairro onde o vento quase não passa” (Cúpulas dos Povos, 2025). Um grito que nos convoca! Um grito que precisa reverberar não somente no campo das pesquisas sobre e com as crianças, mas também nas práticas educativas.

³ A Cúpula dos Povos de 2025 foi realizada na Amazônia Paraense. A ação acontece desde 1992 e antecede à Conferência da Organização das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP), realizada anualmente. Em 2025, a 30ª Conferência (COP30) foi realizada no Brasil, no Estado do Pará, agregando delegações dos países membros.



Como tentativa de ouvir esses chamados, abrimos o presente dossiê, que nasce assuntando a vida e que se pretende constituir-se como um espaço de conversa entre pesquisadoras, pesquisadores e demais tradutoras/es de saberes populares na intenção de questionar modos hegemônicos e universalistas para pensar as infâncias, as crianças e a educação, problematizando as hierarquias de saber e de poder produzidas sobre elas nas Ciências, incluindo os Estudos da Infância, e no campo teórico e prático, que fundamenta a Educação Infantil.

Somos duas professoras, mulheres negras, comprometidas com os Estudos da Infância e da Educação Infantil, com experiência na docência desde a educação básica até à docência na educação superior, no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, além da atuação em movimentos políticos e coletivos imbricados na defesa do direito à educação das crianças, desde bebês. Fernanda Souza, mãe de Francisco Ernesto e Gonçalo José, mulher negra em movimento, filha da Orixá Yansã, professora no Centro de Formação de Professores/as da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), vinculada ao Grupo de Pesquisa em Infâncias, Políticas Públicas e Formação de Professores (GRIFO) e ao Grupo de Pesquisa Políticas de Educação Especial. Atualmente, desenvolve estudos e pesquisas sobre Educação Infantil; Atendimento Educacional Especializado na primeira etapa da educação básica numa dimensão interseccional; crianças negras; crianças negras com deficiência e, mais recentemente, tem participado de projetos formativos pela Escola Quilombo da UFRB, atuando na formação de professoras/es vinculadas/os à Educação Quilombola e à Educação Escolar Quilombola. Priscila de Melo Basílio, mulher negra, ativista, professora EBTT do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp-UFRJ), atua na Educação Infantil e na orientação de docentes em formação inicial e continuada. É coordenadora do grupo de estudos e pesquisa UBUNTU-UFRJ (Infâncias, Educação Infantil e Relações Étnico Raciais) e integrante da Direção do Núcleo Afro-brasileiros e Indígenas da UFRJ (NEABI). É, ainda, integrante do ERER-CAp-UFRJ (Comitê Permanente da Educação para as Relações Étnico-Raciais). Atua há anos como professora convidada na formação de professoras/es em cursos de pós-graduação *lato sensu* de diferentes instituições públicas.

O Dossiê **Infâncias, Educação Infantil e Epistemologias Contra Coloniais**⁴ é fruto dos estudos de três professoras que, desde o ano de 2023, se propuseram a investigar o conceito de “Escrevivência”, cunhado pela ilustre intelectual negra Conceição Evaristo.

⁴ A grafia *Contra Coloniais* aqui utilizada tem como referência as produções de Antonio Bispo do Santos na produção *Colonização, quilombos: modos e significados* (2015).



Essa investigação que propusemos realizar se articula ao aprofundamento de pesquisas que envolveram o levantamento de produções acadêmicas sobre infâncias e sobre Educação Infantil, a partir de perspectivas teóricas contra-hegemônicas, bem como a análise de suas próprias experiências como docentes da educação superior, na formação inicial e continuada de professoras/es da Educação Infantil, com atuação na orientação de estágio supervisionado e da educação básica, junto às crianças pequenas (Souza; Basílio; Marcolino, 2024).

A partir do levantamento de produções teóricas sobre Escrivivências e Infâncias, realizamos, no ano de 2024, no formato remoto, a atividade de extensão “Falatórios: diálogos sobre escrevivências e infâncias”, destinada a professoras/es da educação básica, a partir da conversa com pesquisadoras do campo das Escrivivências, sendo elas: Fátima Lima, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Fátima Santana Santos, do Centro de Educação Infantil Djalma Ramos, em Lauro de Freitas-BA, Íris Verena Oliveira, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

O Dossiê pretende, ainda, fortalecer caminhos inventivos da contra colonização, a partir das contribuições de Antonio Bispo dos Santos, tradutor de saber popular, como preferia ser identificado, homem negro quilombola e liderança da Comunidade de Saco do Curtume, localizada no interior do Estado do Piauí, região Nordeste do Brasil. Defendemos que as epistemologias críticas ao processo de colonização colocam em xeque as perspectivas homogeneizadoras de infâncias, questionando os efeitos desse sistema na vida de crianças desde bebês.

O Dossiê é composto por um conjunto de catorze textos produzidos por pesquisadoras/es representantes das 05 (cinco) regiões do Brasil, pessoas negras e não negras. Destacamos, inicialmente, a entrevista inédita com a intelectual negra brasileira Conceição Evaristo, publicada em Língua Portuguesa e traduzida para a Língua Espanhola e para a Língua Inglesa, que, a partir do diálogo sobre Escrivivência e Infância, inspira-nos a pensar as crianças negras como produtoras de vida e de cultura. A coletânea contempla, ainda, dois artigos internacionais, sendo o primeiro, de autoria de Sônia André, pesquisadora Moçambicana, vinculada à Universidade Pedagógica de Maputo, resultante da Conferência de Encerramento do I Simpósio Luso-Afro-Brasileiro e VI Simpósio Luso-Brasileiro em estudos da criança, realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), realizado em 2024. O outro, elaborado pela pesquisadora mexicana Andrea Cristina Moctezuma Balderas, traduzido para a Língua Portuguesa, trata da exclusão simbólica, produzida por modelos e práticas educacionais orientados por processos de



colonização, e dos efeitos provocados nas vidas das crianças indígenas *nahuas* com deficiência.

Todas as produções colocam-se como vozes ecoantes que tensionam os processos colonizadores pelos quais as crianças, desde bebês, são submetidas e, além disso, traduzem as implicações desses processos nas pesquisas e nas práticas educativas, seja no âmbito das instituições educacionais ou fora delas. Os artigos atravessam as discussões sobre infâncias e crianças, com destaque para as relações étnico-raciais; crianças negras; crianças no samba; crianças no terreiro; crianças indígenas; crianças com deficiência; crianças e literatura; questões de gênero; formação de professoras/es. O Dossiê pretende constituir-se como anúncio e denúncia dos silenciamentos históricos que subalternizam as crianças, ao mesmo tempo que procura servir de referencial orientado por epistemologias críticas aos processos de colonização, potencializando o papel social de cada uma dessas epistemologias.

Reconhecemos a contribuição dos textos aqui compartilhados, pela possibilidade de aprofundarmos o debate e a colaborarmos com análises críticas e problematizadoras, a fim de propor outras epistemologias para enfrentarmos o apagamento, a subalternidade e o silenciamento pelo qual pessoas com deficiência, negras, indígenas, ciganas, quilombolas sofreram e ainda sofrem.

Como uma experiência produzida em coletividade, gostaríamos de agradecer à Revista Debates em Educação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), na pessoa da editora e docente Inalda Maria dos Santos, a quem estendemos o nosso abraço afetuoso a toda sua equipe. Às autoras e aos autores dos textos que compõem o dossiê, pela colaboração durante o processo, pela delicadeza e pelo cuidado demonstrados ao longo do percurso de produção, mesmo num contexto desafiador em que as condições de trabalho docente são marcadas por processos de precarização. Essas/es colegas apostaram na possibilidade de reunir trabalhos fundamentados por epistemologias críticas sobre a produção de pesquisa com crianças e que hoje se materializa numa coletânea de textos disparadores para pensar as infâncias. Às/aos pareceristas, a quem manifestamos nossa alegria pela parceria e, por isso, gostaríamos de citar nominalmente cada pesquisadora/or *ad hoc* pela contribuição que tornou esse trabalho mais qualificado, dentre elas/es: Mariana Martha de Cerqueira da Silva, docente na Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba (UFSCar/Sorocaba); Thaíse Vieira de Araújo, docente no Núcleo de Educação Infantil da Universidade Federal de São Paulo (NEI/Unifesp); Peterson Rigato da Silva, docente na Universidade Federal de Lavras (UFLA); Mônica Hourí, docente da UFRJ; Jorge Marçal,



docente do Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp/UFRJ); Livia Queiroz, docente vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Niterói; Joana Oscar, coordenadora da Gerência de Relações Étnico-raciais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro; Thaís Motta, docente no CAp/UFRJ; Angela Brêtas, docente na UFRJ; Fátima Aparecida de Souza, docente na Universidade Federal da Bahia (UFBA). À Laíla Maíse Anunciação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação da UNEB, pelo apoio no trabalho de revisão.

Agradecemos às professoras da educação básica por questionarem, cotidianamente, a universidade sobre a sua responsabilidade e o seu compromisso ético, possibilitando-nos compreender que fazer pesquisa sobre a Educação Infantil requer esforço coletivo, e que as professoras e demais profissionais das creches e pré-escolas são sujeitos do processo de produção de conhecimento, não objeto. Por fim, agradecemos às crianças, desde bebês, por nos chamarem a atenção todos os dias sobre o nosso compromisso para com elas, nos convidando a desconstruir os modos adultocentrados sobre fazer pesquisa com e sobre elas.

A seguir, apresentamos cada um dos textos como um convite para que as/os leitoras adentrem conosco à experiência gestada na construção do Dossiê **Infâncias, Educação Infantil e Epistemologias Contra Coloniais**. A partir de agora, cada uma/um de vocês também é parte dessa confluência de saberes, como Nêgo Bispo (2023) nos ensina.

O que podemos dizer sobre a abertura de um dossiê com a entrevista **Infâncias negras: “enquanto um olho chora, o outro espia o tempo”: Roda de conversa com Conceição Evaristo?** Uma mulher intelectual negra que tem revolucionado o campo das relações étnico-raciais. Tê-la neste dossiê, falando pela primeira vez sobre infâncias negras na sua obra, é de uma relevância ímpar para diferentes campos do conhecimento. Agradecemos ao Coletivo Escrevivência Conceição Evaristo, em especial, a Cecília Maria Izidoro Pinto, Fátima Lima, Abrahão de Oliveira Santos, Jonê Carla Baião e Luiza Oliveira, por essa entrevista que aquece o coração e que apresenta provocações importantes para o campo da Educação e das Infâncias. O texto registra uma roda de conversa entre a escritora Conceição Evaristo e o Coletivo Escrevivência, composto por pesquisadoras/es negras/os, considerando as infâncias negras na obra da autora e na realidade brasileira. Apresentam, dentre muitos pontos, as infâncias negras na obra de Conceição Evaristo, as crianças em seus textos (como em Olhos d’água, Becos da memória, Ponciá Vicêncio) são majoritariamente pobres e negras, e suas histórias são conflituosas e marcadas pela dor. Não se trata de uma “ode à infância”, mas da representação de vidas atravessadas pelo racismo, pela pobreza e pela violência. No entanto, mesmo na adversidade, há invenção, cuidado e resistência. A conversa também destaca que a criança negra e pobre perde a



inocência muito cedo, devido à necessidade de subsistência, à percepção do perigo e às responsabilidades que assume dentro de casa e da comunidade. Isso contrasta com a visão de uma infância universalizada e protegida. A Infâncias plurais e agentes, a obra de Evaristo apresenta infâncias no plural, com experiências diversas (Zaíta, Di Lixão, Maria Nova, Fio Jasmim). Essas crianças não são passivas; são agentes ativos, que intervêm no mundo, decifram realidades, cuidam dos outros e, com sua presença, questionam e exigem mudanças da sociedade. A conversa revela que pensar as infâncias negras é reconhecer suas dores históricas, mas, sobretudo, honrar sua potência inventiva, sua capacidade de agência e sua força como garantia de um futuro coletivo. A frase que intitula o texto – "enquanto um olho chora, o outro espia o tempo" – sintetiza essa dualidade: a vigilância e a resiliência diante da dor, mantendo a esperança e a construção de novos sentidos para a vida.

Na sequência, Priscila de Melo Basílio e Fernanda Cristina de Souza, compartilham conosco a produção **Entre os olhos de umas e o espelho para os olhos das outras: as Escrevinfâncias como pranto, canto e produção de vida**, propondo e discutindo o conceito de "Escrevinfâncias" como um dispositivo político e epistemológico para contra colonizar a Educação Infantil. As autoras argumentam que os currículos e práticas pedagógicas na primeira etapa da educação básica ainda são profundamente marcados por uma visão eurocêntrica, cristã e monoteísta, herança colonial que invisibiliza e silencia as experiências de crianças negras, indígenas, quilombolas, periféricas e com deficiência. A "Escrevinfância" é apresentada como uma extensão do conceito de "Escrevivência", cunhado por Conceição Evaristo, que se refere à escrita nascida da vivência coletiva e subjetiva de mulheres negras. Transpondo essa lógica para a infância, as "Escrevinfâncias" são as múltiplas formas de expressão, narrativa e produção de sentido das crianças marginalizadas – através de desenhos, brincadeiras, gestos, falas e interações – que carregam em si a memória, a resistência e a inventividade de seus grupos sociais. O texto se ancora no conceito de "contra colonização", de Nêgo Bispo, que defende uma postura ativa de confronto e reparação frente aos epistemicídios coloniais. A proposta é construir um currículo contra colonizado na Educação Infantil, que: Reconheça as crianças como produtoras de conhecimento a partir de suas próprias experiências e culturas; valorize os saberes ancestrais e os valores civilizatórios afro-brasileiros (como circularidade, ancestralidade, oralidade e corporeidade, citados a partir de Azoilda Trindade); e promova a alacridade, a alegria e a inventividade que persistem apesar das opressões. O ensaio ilustra a aplicação dessa perspectiva com relatos de práticas pedagógicas que integraram cosmovisões afro-brasileiras, promoveram o acolhimento de uma criança com deficiência



e trabalharam a autoestima e a ancestralidade através da valorização dos cabelos e das histórias familiares. Conclui-se que apostar nas Escrevinfâncias é uma estratégia para "fissurar" o projeto etnocida ainda vigente, dar visibilidade às produções de vida das crianças e legitimar sua eterna capacidade de resistência e invenção, afirmando suas existências para além do sofrimento, na potência da criação e da alegria.

O artigo **CurriculânciasOmidùdú: escrevivências, saberes ancestrais e autorias de bebês e crianças na educação infantil**, de autoria de Cynthia de Cássia Santos Barra, Cristiane Santos de Melo e Fátima Santana Santos, analisa a construção e implementação do curriculânciasomidùdú, uma proposta curricular e metodológica afrocentrada, desenvolvida coletivamente por educadoras negras no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Dr. Djalma Ramos, em Lauro de Freitas/BA. A pesquisa tem como base as escrevivências (Conceição Evaristo, 2020) e as Escrevinfâncias, conceito cunhado pelas autoras Basílio, Marcolino e Souza (2024) para designar as vivências e expressões autorais das crianças negras, em diálogo com saberes ancestrais e territoriais. O estudo articula as dissertações de mestrado de Fátima Santana Santos e Cristiane Melo, que investigaram práticas pedagógicas antirracistas e antissexistas na educação infantil, fundamentadas em epistemologias negras e feministas. Por meio de uma abordagem qualitativa, etnográfica e colaborativa, as autoras demonstram como a incorporação de referências afro-brasileiras, como a vida-obra de intelectuais negras e a valorização da oralidade, da ancestralidade e da corporeidade permitiram a construção de um currículo vivo e desobediente às lógicas eurocêntricas. Como resultado, evidencia-se a autoria das crianças expressa em livros artesanais como "*É de Conceição!*" e a importância de metodologias outras que combatem o racismo, o sexismo e o adultocentrismo. O artigo conclui que a educação infantil antirracista deve ser ancorada em experiências de felicidade, na escuta sensível das infâncias negras e na reexistência cotidiana, afirmando o direito das crianças à autoinscrição e à interpretação de suas próprias histórias.

A produção da pesquisadora moçambicana **Sónia André**, resultante da conferência de encerramento do I Simpósio Luso-Afro-Brasileiro e IV Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança, proferida em agosto do ano de 2024 e intitulada **O que nos faz esperar a infância nas encruzilhadas da atualidade?**, demonstra a intenção de amplificar as vozes das crianças, dos corpos, dos saberes e dos conhecimentos abafados pelos sistemas euronortebrancos e que tendem a hegemonizar as leis, tal como a produção científica, ao reafirmarem posicionamentos universais e universalizadores sobre as infâncias. O texto é narrado de maneira extremamente cuidadosa, apresentando elementos para pensar as infâncias a partir das experiências do Continente Africano, resguardando as



particularidades e especificidades de cada contexto, a fim de evitar generalizações, o que poderia levar a um fracasso teórico e prático, nos termos de Bibi Bakare–Yousuf (2023), tal como observado pela autora. A produção tensiona, de modo muito sensível e crítica, as infâncias de meninas negras em múltiplos contextos sociopolíticos — comunitários, em deslocamento, em situação de violência sexual, dentre outras — e evidencia como as questões de gênero atravessam e impactam em suas existências. A autora, mulher negra, doutora, pesquisadora, cineasta, atriz, escritora, mãe solo, dentre outras potências que a atravessam, constrói sua escrita a partir do que aprendeu com as mulheres do chão de seus vilarejos e afirma que não existe fala sem escuta, nos convidando, dessa maneira, a aprender com ela, a partir da defesa de que sua escrita vem da necessidade de que mulheres negras possam falar de si, sobre si e a partir de si, numa dimensão coletivizada. Sua escrita ancora-se nas pegadas da ancestralidade e apoia-se nos saberes das mais velhas e dos mais velhos. A fala conversa com o conceito de escrevivência e apresenta engajamento com um referencial teórico que denuncia a morte de algumas infâncias em decorrência dos processos de colonização.

Em seguida, apresentamos o artigo **Infâncias negras pelas mãos de Virginia Bicudo: afirmando uma epistemologia contracolonial**, de Luiza Rodrigues de Oliveira, Jonê Carla Baião e Wanderson Flor do Nascimento. O texto propõe uma leitura contracolonial da obra da socióloga e psicanalista Virgínia Bicudo, situando-a como uma epistemologia fundamental para se repensar a infância no Brasil, a partir da questão racial. A produção de Virginia Bicudo é apresentada como uma ruptura com o pensamento social brasileiro hegemônico, que frequentemente trata o "problema do negro" de forma culturalista ou como mero epifenômeno de classe, perpetuando estereótipos. Em oposição a isso, a abordagem de Bicudo é contracolonial porque: coloca a racialização no centro da análise, entendendo o racismo antinegro como fundante das estruturas sociais brasileiras, e não como um desvio ou um problema superado e rompe com a objetificação do negro na academia, dando voz e protagonismo a crianças e adultos negros em suas pesquisas.

O artigo **Ancestralidade indígena e modos de resistência na educação das crianças pequenas**, de Vanderlete Pereira da Silva, evidencia que a educação das crianças indígenas em contextos urbanos, como Manaus, é um território de intensa disputa entre a colonialidade persistente e as estratégias de resistência ancestral. A análise demonstrou que, apesar dos mecanismos coloniais que ainda permeiam as instituições escolares — promovendo o epistemicídio e o apagamento cultural —, emergem práticas pedagógicas descoloniais potentes, lideradas por mulheres e intelectuais indígenas. Os Espaços de Estudos de Língua Materna, a produção de materiais didáticos próprios —



como os desenvolvidos pelo povo Kokama — e a valorização das narrativas orais, representam atos de desobediência epistêmica que reconectam as crianças com suas raízes e identidades. Essas iniciativas não apenas fortalecem o pertencimento étnico, mas também desafiam a lógica homogeneizadora da educação eurocêntrica, propondo um horizonte pluriversal onde múltiplos saberes e mundos coexistem. A reconexão com a ancestralidade, longe de ser um gesto nostálgico, revela-se um ato político e pedagógico vital, essencial para a descolonização da infância e da educação. Portanto, é urgente que a Educação Infantil reconheça e incorpore as epistemologias indígenas, transformando-se em um espaço de diálogo intercultural e de reexistência. Só assim será possível garantir uma educação que não apenas respeite, mas celebre a diversidade cultural, assegurando que as crianças indígenas — e todas as crianças — possam crescer em conexão com seus territórios, suas línguas e suas histórias, construindo futuros mais justos e descolonizados.

As pesquisadoras Thaís Regina de Carvalho, Rachel Benta Messias Bastos e Cecília Maria Vieira, compartilham conosco a produção intitulada **Geninhas em povoada por uma práxis antirracista na educação**. O texto evidenciou a potência da práxis antirracista encarnada pelo Coletivo Geninhas em Movimento, que, inspirado na ancestralidade de Dona Geninha, articula extensão, pesquisa e ensino para promover a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). A trajetória de Jesuína Adelaide dos Santos, simboliza a resistência e a transgressão necessárias para enfrentar o racismo estrutural e o pacto narcísico da branquitude, reforçando a importância de valorizar saberes e protagonismos negros. Ancorado em uma epistemologia negra e em referências como bell hooks, Nilma Lino Gomes e Grada Kilomba, o coletivo propõe uma pedagogia engajada, que descoloniza currículos e rompe com a "história única". Através do Espaço ERER, experienciado em unidades de educação infantil, demonstrou-se como é possível criar ambientes educativos que celebrem a cultura africana e afro-brasileira, garantindo o direito das crianças ao acesso a esses conhecimentos desde a primeira infância. A ação reflete um compromisso com a práxis Sankofa - olhar para o passado para compreender o presente e projetar um futuro antirracista, enfatizando a necessidade de formação continuada, ambientação significativa e curadoria de materiais que afirmem identidades e combatam estereótipos. Portanto, o trabalho do Coletivo Geninhas reforça que a luta antirracista é histórica, coletiva e urgente, demandando transgressões cotidianas nos espaços educativos. Seguir na construção de uma educação libertadora, povoada de ancestralidade e esperança, é essencial para transformar realidades e honrar quem, como Dona Geninha, insiste em nos guiar com seu legado de resistência e afetividade.



A produção **Tem criança no samba: a potência das infâncias negras sambistas e o aprendizado do saber ancestral do samba**, de Adriane Soares e Priscila de Melo Basílio, investiga as Escolas de Samba Mirins como espaços educativos não escolares, onde crianças negras aprendem e perpetuam o samba, entendido como saber ancestral e modo de vida. O texto apresenta os processos de aprendizagem intergeracionais que constituem o sujeito sambista, propondo uma reflexão sobre infância, educação e contracolônização. A pesquisa adota uma abordagem etnográfica, realizando observação participante e escuta das crianças nas Escolas de Samba Mirins Aprendizes do Salgueiro e Filhos da Águia, no Rio de Janeiro. Aproxima-se das perspectivas da Antropologia e da Educação, tratando as crianças como agentes sociais protagonistas de suas culturas. Nas escolas mirins, identifica-se uma "pedagogia nativa", um conjunto próprio de saberes, metodologias e relações de ensino. O aprendizado do "tornar-se sambista" é um processo dinâmico e corporal, que ocorre através da convivência, da observação e da prática compartilhada entre crianças e adultos (bambas, ritmistas, passistas mais velhos). As crianças não são meras receptoras passivas; elas são agentes ativos, que reelaboram os conhecimentos tradicionais com sua inventividade e "olhar de encanto". O estudo enfatiza a importância da escuta das crianças para compreender suas culturas e práticas sociais. Inspirado no pensamento de Nêgo Bispo (2015), o artigo traz também a Escola de Samba como espaço de contracolônização, propondo que as escolas mirins funcionam como espaços contracoloniais. Elas oferecem um modelo educativo alternativo ao paradigma escolar hegemônico (eurocêntrico e individualista), valorizando a corporeidade, a coletividade, a ancestralidade e os saberes da comunidade. Nesse espaço, as infâncias negras encontram um lugar de potência, afirmação e ressignificação de suas existências. Como considerações finais, o estudo aponta que as Escolas de Samba Mirins são territórios pedagógicos potentes, onde se efetiva uma educação em movimento, baseada na relação e no respeito intergeracional. Elas demonstram a capacidade das crianças de serem guardiãs e renovadoras da cultura, garantindo a continuidade do samba como tradição viva de resistência, alegria e saber ancestral.

Na sequência, Andrea Cristina Moctezuma Balderas, pesquisadora mexicana, compartilha conosco o artigo traduzido em Língua Portuguesa, intitulado **Violência epistêmica e re-existências na educação inclusiva mexicana**. O trabalho é desdobramento de uma pesquisa de doutoramento, no âmbito dos estudos na Antropologia, de caráter etnográfico, sobre corpo, educação e agência das infâncias nahuas com deficiência (Moctezuma, 2021). O estudo analisa, ainda, os processos de violência produzidos pela ordem colonial e suas implicações para o modelo de educação inclusiva



vigente no México, investigando os discursos capacitistas, as políticas linguísticas e testes padronizados, denunciando as implicações desse fenômeno para os modos de ser e de existir das pessoas com deficiência. Nas comunidades indígenas nahuas, os efeitos do projeto colonizador são impactantes, pois tem como consequência exclusão simbólica de crianças indígenas com deficiência, orientadoras por uma lógica de disciplina corporal, silenciamento linguístico e de seus saberes ancestrais. O texto questiona epistemologias colonialistas e insere as crianças indígenas com deficiência como sujeitos de agência e de saber, valorizando suas linguagens e modos próprios de habitar o mundo. Defende uma concepção de educação inclusiva ancorada na contramão de teorias adaptativas e fundamentadas em projetos coletivos e de justiça epistêmica.

O artigo **Ludicidade com literatura para as infâncias: o brincar na construção da identidade racial**, de Samara da Rosa Costa e Lucimar Rosa Dias, evidenciou que a ludicidade e a literatura para as infâncias, quando articuladas com obras que valorizam a cultura africana e afro-brasileira, desempenham um papel transformador na construção da identidade racial das crianças. Por meio do brincar, da movimentação corporal e da interação com narrativas que apresentam protagonistas negros de forma positiva, as crianças não apenas vivenciam as histórias de maneira mais profunda, mas também estabelecem conexões afetivas e críticas com as temáticas étnico-raciais. Os diálogos e as reações observadas durante a mediação das obras *O Mar de Manu*, *Olelé* e *Chama o Sol, Matias!* demonstraram que as crianças, mesmo em tenra idade, são capazes de perceber e questionar as diferenças raciais, atribuindo novos significados à representação negra. Gestos de afeto, como o acolhimento de uma criança negra por uma colega branca, ilustram como a literatura pode fomentar relações antirracistas e promover a valorização da diversidade. Portanto, este estudo reforça a importância de políticas educacionais e práticas pedagógicas que integrem a literatura para as infâncias como ferramenta de promoção da equidade racial. A representatividade negra nas narrativas infantis não apenas enriquece o imaginário das crianças, mas também as prepara para uma sociedade plural e respeitosa. A literatura, assim, consolida-se como um espaço de resistência, afeto e transformação, capaz de potencializar, desde a infância, os alicerces de um mundo mais justo e inclusivo.

A produção intitulada **Estágio na Educação Infantil: constituir-se professoras com as escrevivências**, de autoria de Karina de Oliveira Santos Cordeiro e Fernanda Cristina de Souza, tem como ponto de reflexão os processos de formação inicial de professoras/es de Educação Infantil, a partir das experiências no estágio supervisionado obrigatório em cursos de Licenciatura em Pedagogia, com ênfase para a formação no contexto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), localizada entre as



regiões do Recôncavo Baiano e do Vale do Jiquiriçá. A universidade se destaca por ter o maior percentual de estudantes, mulheres negras, matriculadas, advindas de territórios camponeses, o que implica na construção de Projetos Político Pedagógicos de formação atravessados pelas categorias de raça, gênero, classe social e território. Nesse sentido, as pesquisadoras partem da problematização sobre a construção da identidade docente sobre “ser professora da Educação Infantil”, tendo como objetivo compreender como os estudos acerca dos conhecimentos científicos e pedagógicos contracoloniais têm contribuído para uma fundamentação da prática docente na Educação Infantil, considerando o contexto anunciado. A investigação articula o conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo, articulando-o com os estudos sobre documentação pedagógica, a fim de perceber outros modos de narrar a docência na Educação Infantil. Os marcos teóricos da produção se aproximam dos estudos contracoloniais, a partir da produção de Antonio Bispo dos Santos (Nego Bispo) e das epistemologias quilombolas sobre infâncias, legitimando suas contribuições para a formação docente na primeira etapa da educação básica.

A pesquisadora e poeta Cândida Andrade de Moraes compõe o conjunto de autoras/res do nosso dossiê, compartilhando a produção intitulada **“A gente combinamos de não morrer”**: **A escrevivência da erê Rosinha, a menina da casa dos ventos e das águas**. O texto é um convite para assuntarmos de modo mais atencioso para as experiências das infâncias de terreiro. A produção coloca-se como uma escrevivência, a partir do lugar ocupado pela pesquisadora: mulher negra e de terreiro. A narrativa conta as vivências de Rosinha, menina negra de cinco anos, filha de Oyá e de Oxum, ancestralizada e que retorna à vida através do corpo de quem a sente e escreve, no caso específico, no corpo da pesquisadora, que assume identidade ancestral Yorubá no candomblé, religião de matriz africana, como Oyá Okan Jemin. A escrevivência dá luz, ainda, às interações entre crianças que povoam o Ilê e convivem juntas entre o Ayê e o Orum. Como é o caso de Kizzy, que acompanha sua mãe Ekedy Nilldinha Odara em muitas atividades e, por isso, vivencia o terreiro com regularidade. A autora recorre às produções teóricas sobre infâncias negras, crianças no candomblé e o conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo. A pesquisa se apresenta como uma grande contribuição para pensar as infâncias de terreiro e denunciar o crime de racismo religioso. A autora defende, ainda, que a escrevivência pode constituir-se como ação contra colonial para a construção de uma Pedagogia das Mulheres de Axé.

O ensaio **Gênero, Educação e Transfeminismo: apontamentos das margens ao centro**, de autoria Sara Wagner York e Fabrício Marçal Vilela, demonstra que o transfeminismo emerge como uma potente e urgente perspectiva teórica e política,



situando-se nas interseções entre os estudos de gênero, a teoria queer e os feminismos, para confrontar diretamente o contexto contrarrevolucionário e necropolítico atual. A análise histórica traçada, desde os movimentos feminista e LGBTQ+ até a consolidação do pensamento transfeminista, revela um percurso de lutas e ressignificações, no qual as vozes das travestis, mulheres transexuais e demais corpos dissidentes, deslocam-se das margens para o centro do debate, exigindo uma reconfiguração radical das estruturas sociais. O texto aponta que a educação, enquanto aparelho ideológico do Estado, é um campo de batalha fundamental. A educação transfóbica, homofóbica e racista é um pilar de sustentação da cisnormatividade e do projeto colonial-capitalista. Em oposição a ela, o ensaio defende uma pedagogia transfeminista, que se configura como uma ferramenta vital para desmontar esses mecanismos de opressão. Esta educação interseccional não apenas visa combater a violência epistêmica e física, mas também propõe novas formas de estar no mundo, dissolvendo as rígidas fronteiras entre gênero, corpo e desejo. Por fim, a luta contra o transfeminicídio, o transepistemicídio e todas as formas de violência é, na verdade, uma luta pela sustentabilidade da vida em sua plenitude. Portanto, o transfeminismo se afirma não apenas como uma emergência para a sobrevivência de corpos dissidentes, mas como uma possibilidade transformadora para toda a sociedade, colaborando na construção de um futuro onde a diversidade seja verdadeiramente celebrada e a vida, em todas as suas expressões, seja dignamente vivida.

Por fim, o ensaio de Adir Casaro Nascimento, Carlos Magno Naglis Vieira e Rozane Alonso Alves, intitulado **Caminhar com as crianças indígenas, encontrar epistemologias outras**, nos convida a repensar as metodologias e epistemologias na pesquisa com e sobre as crianças na região Norte e Centro-Oeste do Brasil. A produção tem como objetivo olhar para as crianças indígenas como autoras e coautoras das pesquisas e dos trabalhos produzidos nos diversos espaços e contextos acadêmicos. Apresenta as crianças indígenas como autoras de conhecimento, na tentativa de desconstruir metodologias sobre crianças e que ainda centralizam as/os pesquisadoras/as das infâncias. O texto é um convite a repensarmos o adultocentrismo na pesquisa com e sobre as crianças, questionando narrativas que as subalternizam na condição de objetos de estudo, impedindo o reconhecimento de sua agência e capacidade inventiva. Fundamenta-se pelo referencial teórico dos Estudos Culturais como possibilidade de rasurar percursos que tendem a objetificar a pesquisa como dado puro, simples, fixo, fechado em si do pesquisador e pesquisadora. Dialoga, ainda, com os estudos sobre bricolagem, compreendida como “rasuras metodológicas” capazes de desviar caminhos rígidos e fixos. A produção é uma contribuição importante para questionar os processos



colonizadores sobre fazer pesquisa com crianças, especialmente, com as crianças indígenas.

O Dossiê **Infâncias, Educação Infantil e Epistemologias Contra Coloniais**, ao ser publicado neste tempo histórico, carrega afetos, mas também as dores provocadas pelo capitalismo. Nesse ano, vivenciamos o massacre no Morro da Penha, no Rio de Janeiro, e vimos de perto a banalização da morte dos corpos de jovens negros, como materialização da necropolítica, termo cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2018). Vimos, ainda, a aprovação do marco temporal, que impacta diretamente os processos de demarcação das terras indígenas, e a tentativa de flexibilização das leis ambientais pelo Congresso Nacional, composto por maioria de homens brancos, de direita, extrema direita e conservadores, afiliados ao agronegócio. Acompanhamos o crescimento da violência contra mulheres e meninas no Brasil. Ainda não tivemos uma mulher negra indicada para compor o Supremo Tribunal Federal (STF). Esses fatos representam ameaças para os direitos humanos e trazem implicações diretas para as vidas das crianças desde bebês. Mas, também, acompanhamos o retorno do povo ocupando às ruas, defendendo a taxaço dos super ricos, pelo grito “Sem anistia” para aqueles que tentaram dar golpe de Estado no país e, ainda, a mobilização dos movimentos de mulheres na Marcha das Mulheres Negras (2025) e no levante pelo fim da violência de gênero.

Neste sentido, as pesquisas sobre e com as crianças precisam assumir um compromisso radicalmente comprometido com a manutenção de todas as vidas. Apostamos nas epistemologias contra coloniais para a produção de outras confluências! É urgente!

Esse mundo está chegando ao fim. Não é à toa que estamos vivendo esse desespero, essa grande confusão. Mas, por incrível que pareça, estamos vivendo uma nova confluência.

(Antonio Bispo dos Santos. In: **Quatro Cantos**, 2022).

*Menina, eu queria te compor em versos
cantar os desconcertantes mistérios
que brincam em ti,
mas teus contornos me escapolem.
Menina, meu poema primeiro,
cuida de mim.*

(Poema: **Menina** - Para Ainá, minha filha, ou minha mãe, talvez. Conceição Evaristo, 2017, p. 33)



REFERÊNCIAS

CÚPULA DOS POVOS COP30. **Site oficial da Cúpula dos Povos COP30**. 2023.
Disponível em: <https://cupuladospovoscop30.org/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Poemas de Recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malês, 2017.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-54.
Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2025.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Brasília: Ayô, 2015.

SANTOS, Antonio Bispo dos; RODRIGUES, Maria Sueli; RUFINO, Luiz. MUMBUCA, Ana. **Quatro cantos**. São Paulo: N-1 edições, 2022.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SOUZA, Fernanda Cristina de; BASÍLIO, Priscila de Melo; MARCOLINO, Suzana. Infâncias e epistemologias contra-hegemônicas: decolonialidade e interseccionalidade. **Perspectivas em Diálogo: Revista De Educação E Sociedade**, v. 11, n. 28, p. 67-81, 2024.

SOUZA, Fernanda Cristina de; BASÍLIO, Priscila Melo; MARCOLINO, Suzana. **Pensar uma pedagogia da infância contra colonial e interseccional: a ideia das escrevinfâncias**. In: VI Simpósio Luso-Brasileiro/I Simpósio Luso-Afro-Brasileiro em Estudos da Criança, 2024, Rio de Janeiro, Anais [...] Rio de Janeiro, 2024.

